



SEM FILTRO

A bandeirada do regime

Além do folclore, o que nos revela o acto do primeiro-ministro norueguês de disfarçar-se de taxista durante umas horas?



Nuno Ramos de Almeida

A aventura do primeiro-ministro norueguês, Jens Stoltenberg, que se mascarou de taxista para, garante o próprio, saber o verdadeiro sentir do povo nas ruas está a fazer as delícias do Verão na comunicação social.

É claro que o político norueguês não pretendia conhecer a vontade do povo, mas apenas convencer os eleitores, que serão chamados às urnas em Novembro, que é um deles: um homem preocupado com quem o elegeu. Foi para isso que fez gravar um vídeo da acção e a divulgou nas redes sociais e à comunicação social.

Os taxistas são repetidamente vítimas das manobras publicitárias dos políticos, mesmo em Portugal. Marcelo Rebelo de Sousa, quando se candidatou a presidente da Câmara de Lisboa, fez de taxista dias depois de ter andado a nadar

no rio Tejo para mostrar, tal qual Mao-Tsé-Tung no rio Amarelo, o seu vigor e empenhamento na candidatura e numa relação mais íntima da cidade com o rio que a banha.

Visitas à vida real de pára-quebras, como as do primeiro-ministro norueguês, não passam de turismo publicitário. Excelente propaganda mas fraco serviço público.

Estou convencido que em vez de brincarem aos pobrezinhos durante umas horas, os dirigentes governamentais deviam mesmo viver com as condições que suporta a maioria da população. Talvez assim a mão tremesse a Passos Coelho quando, depois de ter cortado as reformas aos pensionistas, aumentado as rendas de casa aos mais velhos, se preparar para liquidar grande parte do Serviço Nacional de Saúde.

O que é interessante é perceber dois aspectos para além do manto das campanhas eleitorais: a razão da popularidade da manobra e aquilo que ela revela para além das aparências.

O acto de Jens Stoltenberg é eficiente porque faz apelo a um imaginário que corresponde a uma velha tradição de histórias em que os soberanos, que nascem num mundo à parte, se disfar-

çam do mais miserável dos súbditos para terem uma percepção correcta da vida do seu povo. Estas lendas foram registadas e imortalizadas em canções, no caso do real e nacional embaçado que cantava o fado nas tascas mal afamadas, e em livros como "O Príncipe e o Pobre", de Mark Twain.

O segundo aspecto que nos devia fazer reflectir é a concepção de política que este acto revela: só num sistema político que não é verdadeiramente democrático, em que o poder não é do povo, existe uma classe política separada da população. Só neste caso faz sentido que um primeiro-ministro se macaqueie de taxista para fingir que conhece as preocupações do homem comum. Isso corresponde a uma visão de uma sociedade de castas e estratificada, em que há gente que nasceu para nos dirigir politicamente, primos daqueles que são ricos, e depois todos aqueles que andam nas ruas e trabalham. Estes só podem ambicionar contactar os seus dirigentes quando eles vão brincar ao povo num táxi aqui perto.

Pelo sim pelo não, já comprei um taco de basebol.

Editor-executivo
Escreve à terça-feira



Os políticos que fazem de taxista custam caro?

ANTÓNIO COTRIM/LUSA